

Imagens do urbano: a cidade de Catalão no seu primeiro Centenário*.

Jason Hugo de Paula¹

Resumo:

Este estudo pretende pensar algumas imagens construídas sobre a cidade de Catalão-GO através da novela *Um Homem e sua Família* (1997) de Braz José Coelho e da edição nº 1964 do Jornal Gazeta do Triângulo, de 20 de Agosto de 1959.

Abstract:

This paper aims think some images mades about the city of Catalão - GO, across of the novel *Um Homem e sua Família* (1997), of the Braz José Coelho, and the publication number 1964 of the newspaper Gazeta do Triângulo, of August¹ 20 of 1959.

Em seu artigo dedicado ao estudo morfológico das cidades brasileiras, Menezes (1996) alerta mais de

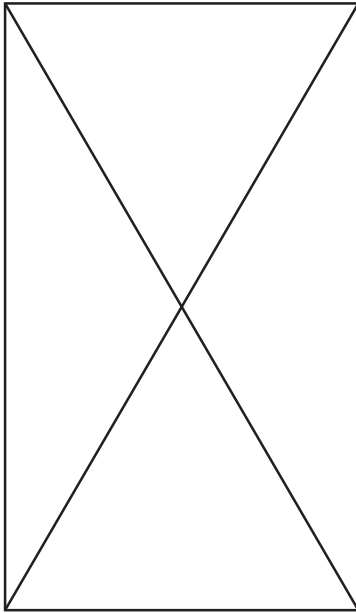
uma vez sobre a necessidade de se entender a cidade segundo três dimensões, quais sejam: “*cidade como artefato; campo de forças e como imagens*”.

Tomando por base essas indicações, tem-se então, que um estudo que tenha por tema *idades* não pode ser furta a entendê-las como historicamente produzidas. É necessário atentar ao fato de que com sua complexa “fabricação”, as cidades estão envoltas em inúmeras disputas, sejam elas econômicas, culturais, políticas etc. É nesse campo de forças que vê-se como a cidade é também uma representação, *uma imagem*. As intervenções e decisões no espaço urbano, ou mesmo as imagens construídas para as cidades são orientadas pelos valores ideológicos e pelas expectativas daqueles que detêm o poder para as medidas acima citadas.

Nesse caso, torna-se ímpar historicizar as cidades e, fazer isto, é perceber como as pessoas *as definem* ao longo do tempo (Noronha, 1999). É pensá-las como ser social e como espaço construído por homens que pensam e agem dentro de uma rede de decisões, as quais nunca são estanques não podendo, por isso mesmo, haver critérios definitivos para se entender tal objeto.

* Texto apresentado ao Curso de Mestrado em História da UFG, na disciplina Cidade, Poder e Imaginário, ministrada pela Professoras Dras. Dulce Oliveira Amarante dos Santos e Ana Tereza M. Gonçalves. Fevereiro de 2004.

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de Goiás; Especialista em História do Brasil pela UFG/Campus Catalão e Professor PIII da Rede Estadual de Ensino do Estado de Goiás.



O presente estudo tem essa preocupação e, partindo dessa concepção, propõe-se a pensar algumas das imagens elaboradas para a cidade de Catalão-GO por ocasião de seu centenário, ocorrido em 20 de agosto de 1959.

Utilizar-se-á, numa primeira parte do texto, de uma edição especial do Jornal *Gazeta do Triângulo*², de 20 de agosto de 1959. Num outro momento, recorrer-se-á à novela *Um Homem e sua Família* de Braz José Coelho³. O objetivo é compreender como são diferentes as imagens (porque serão também os autores?) construídas para aquela cidade naquele momento. O “confronto” com as

fontes leva-se a um método comparativo em que se privilegia o registro das diferenças.

I. Jornal Gazeta do Triângulo: a imagem construída.

“*O futuro contempla o presente*”. Colocada abaixo de uma fotografia⁴ com vista panorâmica da cidade de Catalão, é essa a frase-

² O Jornal Gazeta do Triângulo é publicado, desde sua fundação em 1937, na cidade de Araguari - MG. Segundo funcionários do Arquivo Municipal daquela cidade, ainda hoje o Gazeta mantém publicação diária. A edição analisada data de 20 de Agosto de 1959 e teve uma tiragem especial de 26 páginas.

³ Braz José Coelho (1938) nasceu na cidade de Bonfim, hoje cidade de Silvânia. Quando criança, transferiu-se para o município de Catalão onde concluiu o curso ginasial. Em seguida, foi para Agudos como estudante eclesiástico. Acabou retornando a Catalão e se formando em contabilidade. Em Uberlândia, cursou até o 4º ano de Direito, abandonando-o em seguida. Em Goiânia cursou Letras Vernáculas na UFG. Foi professor de Português e Lingüística na UCG. Nos últimos anos, tem trabalhado no Campus Avançado de Catalão /UFG. Estreou na Literatura em 1971 com *Peonagem e Cabroeira* (contos). Em 1977, teve seu segundo livro de contos *Os Cães e a rede* selecionado para publicação pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Goiás. *Os cães e a rede* já teve cinco edições: 1978, 1980, 1983 e 4ª e 5ª em 1987. Em 1997, publica a novela *Um homem e sua Família*. Sua produção literária varia entre as temáticas rurais e urbanas. Também publicou ensaios e livros específicos à Educação, Lingüística e Comunicação.

⁴ Imagem registrada por Foto Antônio Gebhardt - Araguari - MG.

legenda que o leitor do Gazeta do Triângulo, de 20 de agosto de 1959, vai encontrar logo na primeira página.

Sentadas no alto de uma elevação cheia de arbustos ao redor, três crianças observam de longe a cidade que se revela lá no vale. De costas para o leitor, as crianças não roubam a cena mesmo estando no primeiro plano da imagem fotográfica. O centro das atenções é a cidade tomada de uma vista superior (panorâmica).

A posição das crianças é reveladora. Assim como elas que contemplam a cidade que agora precisa ser vista do alto (porque cresceu de modo a que seus habitantes não consigam percebê-la em sua totalidade?), de uma vista panorâmica, esta também é a visão que terá o leitor. O objetivo é que também ele contemple aquela cidade. A frase que acompanha a imagem direciona que olhar o leitor deverá ter logo na primeira página do jornal. Juntas, fotografia e escrita, através da “educação do olhar”, ajudam a moldar a imagem que se pretende formar.

Mesmo que toda a edição esteja de algum modo dedicada aos 100 anos, é evidente que alguns artigos se comprometam mais com o “projeto” de construção de tal imagem. Assim, se tal projeto passa pela criação de uma outra imagem, evidentemente, uma outra pretende ser esquecida.

Jô Gondar (1996: 37-8) afirma que essa necessidade de esquecer ou de apagar algo, revela, na verdade, um desejo de “*ocultar tudo aquilo que pode revelar seus paradoxos, suas falhas, enfim, tudo aquilo que poderia comprometer a imagem - a ficção - que ela pretende fornecer de si*”. É desta assertiva que ela pensa esquecimento como ato social, como um *fazer sócio-histórico*. Será esta desnaturalização do esquecimento que possibilitará pensar que “*o que está em jogo é a manutenção de uma imagem ou representação de si mesmo*”.

Em artigo nomeado de “Alvorada”, Jamil Sebba⁵ deixa claro o que há de ser esquecido e o que deve ser lembrado. Para ele o centenário representa o “*desponta[r] [de uma] nova era; é o alvor de um novo dia para Catalão*”. Acrescenta, ainda, que “*Catalão está substituindo o seu passado cheio de truculências, de tocaias por um presente de paz, tranquilidade, de progresso e de instrução*”.

A comemoração assume nesse momento um significado mais amplo do que aquele de sessões solenes. Conforme aponta Sandes (2000), as comemorações geralmente se transformam em momento

⁵SEBBA, Jamil. Alvorada. In: *Gazeta do Triângulo*. Agosto de 1959. 10ª página.

de reflexão, e é nesse momento que uma nova imagem para Catalão estará sendo construída. Não mais aquela de tempos idos em que a truculência imperava _ conforme diz Jamil Sebba _ mas uma outra, aquela em que o progresso e a tranqüilidade estejam presentes.

Ainda Sebba, num poema intitulado “Catalão de minha Infância”⁶, transitando por diferentes temporalidades, enfatiza sua proposta de idealização. O poema começa dizendo da Catalão de sua infância e de como, com o passar dos anos, esta tem se transformado, o que o tem estranhando muito.

Interessante pensar é que toda essa modificação tem uma direção *a priori* e que o autor deixa transparecer numa suposta dúvida: “Será progresso?”.

Apesar dessas reclamações o autor é enfático: Catalão está muito diferente e isto pode ser visto sob o ponto de vista cultural, pois agora “*está escrevendo livro...*”; está “*ficando granfino*”. Aquelas “*letras esculpidas a formão/nas suas ruas nas suas praças*”, estão sendo reescritas, quando não apagadas “*com esponja*” neste Catalão de agora. No lugar da cidade do tempo quente da política, tem-se a Catalão das letras _ é o que pretende afirmar o autor. Sem dúvida, a Catalão da infância do autor está completamente diferente _ ele não a reconhece, ou não quer que a reconheçam.

A imagem da cidade que substitui um tempo e uma história por outra cidade é evidente. Aqueles tempos e histórias coloniais, expressos sobretudo pelas telhas das casas, são momentos superados segundo Jamil Sebba. A imagem da cidade que o autor quer transmitir é aquela que Paulo Fayad Sebba⁷ quer tornar concreta. A “*Catalão de fama ruim, da gente má e das mortes sucessivas de outrora*”, foi superada pela “*Catalão de progresso, de povo ordeiro, pacato, hospitaleiro dos dias de hoje*”.

Catalão é representada como uma terra abençoada e isso é caracterizado pelas suas belezas naturais. Para Hélio Vaz⁸, aquela cidade em sua centenaridade é “*guardada [pelas] duas sentinelas geográficas, culminadas com sinais cristãos...*”. Locais religiosos⁹ (embora hoje outras tribos

⁶ SEBBA, Jamil. Catalão de minha Infância. In: *Gazeta do Triângulo*. Agosto de 1959. 1ª página.

⁷ SEBBA, Paulo Fayad. Significado de um Acontecimento. In: *Gazeta do Triângulo*. Agosto de 1959; 22ª página.

⁸ VAZ, Hélio. A meus contrêrrâneos. In: *Gazeta do Triângulo*. Agosto de 1959. 2ª página

⁹ É sabido que historicamente os morros e os ribeirões eram decisivos para que os bandeirantes não perdessem as rotas. Em Catalão_ que era Pouso _ esse marcos geográficos eram fundamentais. Por outro lado, a presença da cruz é mais que um dado, ela era a marca das bandeiras. Esse fato histórico_ certamente sabido pelos autores_ foi ignorado pela imagem mitificadora.

apropriaram do espaço para outras utilidades) a marcarem os pontos extremos da cidade, estes morros são tomados como sinais da benção do *Supremo* para com aquele povo e cidade.

Daí advém que “*extasia-se qualquer pessoa por mais insensível que seja diante[sic] dos grandes espetáculos da natureza e do convite sedutor das suas terras...*”¹⁰.

Um tom mais proverbial que os já citados é encontrado em “Paisagens Catalanas”¹¹ de Antônio Chaud. Romanceando as descrições, tem-se que “*as zonas urbanas e suburbanas[de Catalão] estão localizadas nas suaves encostas do vale atravessado pelo Ribeirão Pirapetinga*”. Se Hélio Vaz tratava como sentinelas geográficas cristãs a vigiar a cidade, Chaud toma aquelas elevações “*como dois altares naturais*” com significativas colunas que limitam a cidade de norte a sul.

O destaque às paisagens naturais e um vocabulário bucólico é o tom de Chaud àquela cidade. Entre o passado e o presente da cidade o romantismo (saudosismo¹²) também ocupa seu lugar. Na realidade, a imagem que o jornal quer transmitir, _ essa do progresso - ,mescla-se com uma imagem romântica, bucólica da cidade.

O que se pode depreender das informações compiladas até agora, onde se privilegiou que imagem de cidade se pretendia divulgar, é que os autores dos artigos ou que simplesmente organizaram os textos e informações para que fossem publicados, transformaram a comemoração do centenário num marco: seria o início de uma *segunda etapa*¹³ na vida daquela cidade. Com o centenário, aquela cidade só teria um rosto, e este rosto era o do progresso, do desenvolvimento, da satisfação de seus moradores e de uma infundável perspectiva de sucesso.

Catalão tem suas características comparadas às maiores metrópoles do mundo: Londres, Paris, Nova York e Roma. Santana e Silva¹⁴, não esgota em aspectos materiais seu sectarismo quanto às

¹⁰ AMORIN, Adalcino de. Catalão - economia e cultura. In: *Gazeta do Triângulo*. Agosto de 1959. 2ª página.

¹¹ CHAUD, Antônio. Paisagens Catalanas. . In: *Gazeta do Triângulo*. Agosto de 1959. 2ª página.

¹² Ver mais sobre esse assunto em VIEIRA, Monsenhor Primo. O morro de São João. In: *Gazeta do Triângulo*. (Página Literária) Agosto de 1959. 5ª página.

¹³ Agnaldo Campos Netto(1959:12) em seu artigo “Homenageando” publicado naquela edição de 20 de agosto de 1959 do *Gazeta do Triângulo*, evidencia “*Que todos êsses nomes de nossas vitórias recebam o nosso aprêço, nesta magna data que marcará segunda etapa [grifo nosso] de nossas conquistas*”.

¹⁴ SANTANA E SILVA Sebastião de. Saudade. In: *Gazeta do Triângulo*. (Página Literária) Agosto de 1959. 6ª página.

característica daquela cidade. Esclarecedora, apesar de longa, lê-se neste que

... Nova York é... demonstração eloqüente da moderna técnica e da civilização capitalista. Londres... espelha... a grandeza de um império que dominou o mundo. Roma... traduz... a força espiritual da religião cristã... Paris... é a capital ocidental... Tal como essas... o pequeno burgo edificado nas margens do Pirapetinga tem também suas características próprias. ... Seu povo conserva muita das características dos bandeirantes e pioneiros que desbravaram os nossos sertões ... O progresso e a civilização eliminaram as manifestações truculentas desse espírito bravo (...). A devoção à liberdade é outra dominante na personalidade do catalano... O espírito de aventura está no sangue da gente da terra. (Santana e Silva, 1959:06)

Santana e Silva sublinha o espírito empreendedor da população daquela cidade, ressalta a civilidade de seus filhos que não fogem à luta e atribui tudo isso à conservação das características dos bandeirantes. Se há nesse povo catalano algo que lembre aquela espírito bravo, este é direcionado não para as truculências _ que fazem parte de um outro tempo _ , mas para o pioneirismo e para o progresso, modulando o presente e o futuro. Esse recorrer às imagens construídas em torno da figura dos bandeirantes estabelece um fio de continuidade desde os tempos mais remotos, uma espécie de mito fundador (Bresciane, 1999;42) até os dias de hoje, haja visto o poder municipal atual, quando da construção do Museu Municipal Cornélio Ramos, ter afixado uma réplica da cruz do Anhangüera em frente ao referido prédio. Essa discussão sobre a memória e sobre os mitos fundadores são importantes, mas escapa aos limites desse trabalho, ficando de todo modo, registrada sua pertinência.

Num artigo de Frederico Campos¹⁵, a evidência de que já a algum tempo estes autores faziam uso do jornal Gazeta do Triângulo para fazer uma publicidade da cidade, fica mais clara. É certo que tinham consciência de que “vendiam” a imagem da cidade bela e

¹⁵ CAMPOS, Frederico. Duas palavras ao Centenário. In: *Gazeta do Triângulo*. Agosto de 1959. 17ª página.

culturalmente desenvolvida. Tanto que afirma: “...lembrado que fui a mandar algumas linhas à valorosa GAZETA DO TRIÂNGULO, **grande propagandista** [grifo nosso] de nossa cidade, destas linhas lanço aos catalanos o meu grito de fé e bom êxito com a ajuda de Deus, nos grandiosos festejos do Centenário de Catalão”. Essa “pequena descoberta” revela como fundiu-se nas comemorações o anseio de que uma imagem nova para a cidade de Catalão se firmasse. O jornal, como já se disse anteriormente, é apenas um dos meios de que se serviram para que esse projeto fosse adiante.

Parte-se agora, como estratégia metodológica, para a discussão das imagens elaboradas pelo literato para esse mesmo acontecimento. Toma-se o discurso literário como mais uma das *muitas vozes* que revelam indícios e vestígios sobre uma determinada realidade.

II. Um Homem e sua família: a desconstrução da imagem.

Vários teóricos têm dedicado-se ao estudo da relação História e Literatura. Nicolau Sevcenko (1999), por exemplo, ajuda na compreensão da literatura como documento. Para ele, a literatura ocupa-se *também* do que não ocorreu, das possibilidades que não se transformaram em sucesso, e por isso mesmo, possibilita o contato com traços e resquícios tidos como menores. A possibilidade de tomar a literatura como um lugar de memória, faz ver que a “*memória devolve não simplesmente o passado, mas o que o passado prometia*” (Bosi: 2003).

Se se recorre a Backzo (1984), a literatura pode se transformar em um veículo de difusão de imaginário, de concepções e ideologias. É o crítico literário Wendel Santos (1983) que diz que “*a literatura tem voz e fala sua mensagem através dos devaneios ou frustrações*”. Dessa forma a literatura constitui-se “*uma saída para a investigação de novos problemas com instrumentos não tradicionais*” (Borges, 1996: 36).

Os documentos, conforme aponta Chartier (1985), trazem em si representações sociais de modo que uma sociedade se deixe ler através destes. Desse modo, acabam por constituírem-se em construções de significados sobre o real. Significados, que no caso da novela, se formam sob a perspectiva específica que é a do olhar do literato.

Pensando nisso, a hipótese é a de que a novela de Coelho (1997) poderá oferecer a possibilidade de se vislumbrar a mesma realidade sob um outro prisma, posto que

a diferença entre a ciência e a arte [entenda história e literatura] não consiste em tratarem objetos diferentes, mas sim em tratarem o mesmo objeto de diferentes maneiras. A ciência dá-nos um conhecimento conceptual da uma situação; a arte dá-nos a experiência desta situação... (Terry Eagleton apud Bacega, 2003:80).

A linguagem científica que este autor vai usar na novela, no sentido de que faz dela instrumento de sua comunicação, matéria de composição de seus personagens, diferenciam do uso que fazem dela os autores dos artigos publicados no jornal. “*Meus personagens são feitos e apresentados com o material lingüístico*”; essas são palavras que Miguel Jorge, no prefácio de *Peonagem e Cabroeira*, apresenta como sendo de Coelho. A objetividade buscada pelo autor e um certo descrédito para com as possíveis “vantagens” trazidas pela modernidade se destacarão ao longo de sua obra.

Aquela família de migrantes que saiu de Porto Nacional movida pelas histórias de riquezas do Sul e que acabaram por ficar em Catalão, rapidamente conheceria os problemas *daquele* que outros pintaram como paraíso. Saberá logo como se desmancha feito pó ao vento os sonhos de uma vida inteira. Ali, na procura por algo que haveria de ser tão abundante - o emprego - tinha

pela frente as mesmas ruas, as mesmas esquinas: buracos e irregularidades nas calçadas antigas prejudicando passos, uma poeira fina que o sol tentava dourar sem muito sucesso, postes de madeira lavrada numa fila mal feita beirando as casas de fachadas sujas e espichando velhos fios emendados, pedaços de muros de taipa quebrados e latas abertas entulhadas por uma macega seca emaranhada ao lixo acumulado. Mais adiante, bem adiante, aproximando-se do Largo da Igreja, casas com grades, jardins bem cuidados, alpendres onde vasos de plantas caseiras e xaxins de samambaia esverdeiam o ambiente limpo e sadio; ruas com meio-fios, calçadas largas, postes de cimento e uma que outra pavimentada por paralelepípedo”. (Coelho, 1997:11)

É possível visualizar duas imagens de cidade totalmente diferentes. Uma se apresenta cheia de belezas, limpa e bela. Outra, porém, na periferia, vista a partir da ponta da rua, é a imagem que buscavam suplantar - uma cidade pobre e desmantelada onde a divisão de classes se torna visível pela arquitetura e pelos ornamentos das casas, bem como pela pavimentação das ruas.

Aquelas ruas contendo as histórias dos homens, carregando rastros dos tempos, mostrando os desgastes dos anos e as vontades e idéias dos homens pobres não é a cidade publicada pelo jornal. Há na novela o revelar de um outro urbano. Tem-se uma imagem das ruas em seus pormenores. Ruas que testemunham um tempo e uma história; marcas de um povo, de uma política. Os bairros e ruas contam a história da constituição da cidade. São rastros de tempos passados, de encontros e desencontros, namoros, conversações e informações. “*Nas missas aos domingos [realizada na Velha Matriz, já que à época a Igreja Nova Matriz ainda estava em construção] as famílias se encontravam, cumprimentando, dando e pedindo notícias, os homens falando dos atos do governo, do preço dos produtos agrícolas e do gado(...) mulheres trocando receita e novidades.*” (Coelho, 1997:47).

Se *aqueles* partem para a exploração de uma imagem unificadora e homogênea, Coelho parte para a diferenciação. Ele explora algo pelo qual dificilmente o poder público quer que sua gestão seja lembrada. Recorre à miséria, à pobreza do ser humano numa época em que as promessas do progresso favorecem uma visão alienante.

É na cidade que as contradições saltam aos olhos. Numa passagem em que a mãe retorna do centro da cidade para sua casa com uma mala de roupas para lavar, a descrição dos tipos de trabalho e de trabalhadores encontrados neste percurso é bastante notável. O escritor transporta sua percepção para a ficção de modo que a própria paisagem diga sobre as desigualdades sociais. A medida que saía do centro a paisagem modificava. A mãe

descia a ladeira fraca, antes de chegar a primeira grotta, trouxa de roupa na cabeça(...) Dois quarteirões abaixo, um trator de esteira revolia o chão cascalhento da rua(...) Na altura da Cruz-do-Antero, logo depois da segunda grotta, uma turma de empregados da Prefeitura limpava, a golpes de

foices e enxadas, o capinzal que crescerá alto nos dois lados da rua sem meio-fio.(Coelho, 1997:53-4)

A representação espacial presente na obra é a metáfora da vida daquela família que sentia as dificuldades e as contradições sociais através do calçamento das ruas, nos trabalhadores e no lugar que lhes restou para que fixassem moradia. Neste aspecto, a cidade enquanto produção espacial é a expressão das contradições da sociedade. Contradições estas que aparecem através da paisagem e pela “*justaposição de riqueza e pobreza, beleza e fealdade*”(Carlos: 1997)

Na viagem, na “descida” do Norte para a cidade de Catalão, desde o início as dificuldades davam prova de que estariam acompanhando aquelas vidas. Ao chegaram a Anápolis já estavam esgotados, já haviam andado a pé, de carroça, de carona em meio a latões de leite etc. Mas ainda

restavam alguns trocados. E a novidade de um vagão de terceira classe, a locomotiva soltando seu apito enfumaçado, reavivou o interesse inicial(...).Mas a dureza dos bancos de madeira, o cheiro azedo do mictório, o calor, a poeira e a fumaça misturada a fagulhas queimando pele dos braços, furando roupas foram colocando impaciência e irritação em todos (Coelho, 1997: 75).

Ao chegarem em Catalão, já sem dinheiro suficiente para continuarem a viagem, se viram ali na estação sem agasalhos, sem rumo, sem destino. “*A aurora veio e não trazia esperanças _ só mais uma ameaça de mais um dia sem rumo e desconhecido*”(B J C: 1997: 75). Chegou um novo dia e eles ali no chão: o sul não era tão hospitaleiro.

Os casebres das pontas de ruas que se mostram na novela em nada lembravam os palacetes que aparecem descritos nos jornais. Aquelas casinhas rústicas, mal acabadas, com paredes sem reboco e cobertura de folhas de palmeiras e buritis, representavam tudo que tinham aquela família. Indubitavelmente não era essa a imagem que se vendia nos jornais. Essa dubiedade de imagens faz com que se perceba que, conforme Menezes (1996) afirma, as cidades são artefatos, campos de força, mas sobretudo imagens.

Esse repertório de imagens que as duas fontes oferecem quando se dispõe a pensar as cidades, remete a uma perspectiva interessante. É preciso ter claro que essas imagens representam uma síntese do que vem a ser aquela cidade. A primeira imagem discutida aqui aparece enquanto síntese de uma Catalão ideal, onde a exaltação dos traços bucólicos e postais da cidade reporta a uma supervalorização dos aspectos agradáveis. Por sua vez, a segunda também é uma síntese da cidade. O abandono do discurso das imagens positivas e a colocação em primeiro plano das relações sociais, diferencia-a daquela impregnada da idéia de progresso e desenvolvimento. Essa segunda imagem resulta da vivência cotidiana e real, construída a partir das incertezas, dores e esperanças de seus moradores. Coelho representa sob esse prisma a resistência, a crítica e a desconstrução dos pressupostos da modernidade alardeados por aqueles outros.

As imagens que a literatura oferecem são diferentes na medida em que se detém no cotidiano de pobres e desvalidos. Ao percorrer a geografia da cidade informa sobre a história dos bairros¹⁶ e dos prédios. O já tão cantado ribeirão que corta a cidade e que teria sido parte da fazenda do Catalão (integrante da Bandeira de Anhangüera Filho) recebe tratamento diferenciado. Não serviu ele apenas para contar a história das usinas elétricas ou das indústrias de charque: ali era o *locus* de convivência das mulheres lavadeiras de roupas que conversavam e trocavam experiência de vida, que diziam de seus problemas diários e compartilhavam as angústias. Em outras palavras, o centro urbano era o lugar onde várias pessoas se encontravam, mas o ribeirão é que era o lugar dos encontros. Ao cruzar estas imagens têm-se uma cidade e suas contradições e pluralidade (Matos: 2002). A defesa de uma perspectiva do jornal e o reverso feito pela literatura demonstra como diversos podem ser os olhares.

A cidade como quer Souza (1996:191) precisa ser entendida “*como espaço visual e imaginário, onde se projetam as imagens e idealizações ...*”. A perspectiva encontrada no jornal é a de idealizar uma cidade em detrimento de outra que se quer, elaborando deste modo, uma imagem para si. Ao traçar a imagem daquela cidade sob a perspectiva de uma família de migrantes, a novela propicia a visualização a partir de uma

¹⁶ Para Bosi (2003:74-5), “o bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos, que se vai percebendo pouco a pouco, e que nos traz um sentido de identidade”. O ponto de destaque da autora, é o de como as intervenções sem a consulta popular acaba por destruir laços de amizade, tão essenciais para a manutenção da memória.

outra ótica: do estrangeiro. “Induzido” pelas informações que lhes chegavam¹⁷, a viagem até que chegassem àquela cidade, “*demarca um momento de transição, que situa entre a expectativa frente ao que vai ser visto e a sensação de não se ter ainda abandonado o lugar do qual se veio*”(Souza, 1996:193).

A sensação de não se ter abandonado o lugar do qual se veio é visível quando se tomam as manifestações religiosas. Ao se assentar na cidade de Catalão, a família trouxe crenças e costumes um tanto diferentes daqueles praticados em sua terra de origem e Coelho, retrata essa experiência num diálogo entre a mãe que lavava roupas no córrego e uma mulata que iria sair de bandeirinha na frente da congada.

- _ *Você já viu congada?*
- _ *Uma vez só. De onde venho parece que não tem muito disso.*
- _ *Mas vocês não têm festa de santo, por lá?*
- _ *Tem. Tem sim - será que este povo acha que a gente é herege, pensou - Mas não é a mesma coisa que se vê por aqui. A gente tem é folia de Divino, de Santos Reis, dança da Sussa... Congada e moçambique, por lá, parece que não vigora direito.*(Coelho, 1997:69-70)

Por muito tempo os escritos deste autor não foram utilizados quando se procurou pensar aquela cidade. Talvez sua perspectiva não fosse a que mais atendia às demandas político-ideológicas dos 30 anos que separa o presente de sua primeira publicação. Mas o que mais interessa e que foi critério para reunir tal *corpus*, foi o fato de existir dentro de um mesmo tempo e espaço maneiras tão diversas de se tratar um mesmo problema, embora a primeira versão tenha “sufocado” e ganhado terreno frente a outras que se posicionassem contrário àquela. São justamente essas diferenças que permitem uma melhor compreensão das especificidades e descrições daquela cidade.

Difusas, quase não encontráveis no caso do jornal, e pouco problematizadas, estas fontes comportam em si mesmas uma

¹⁷ Coelho diz isso de maneira trivial, como se recuperasse a experiência do humano: “*Na mente do marido uma idéia ia se formando todas as vezes que encontrava um que outro conhecido mais viajado - para o sul, a terra não era tão quente, as cidades se espichavam em ruas calçadas, casas e palacetes de perder de vistas, serviço era o que não faltava, dinheiro correndo para todo mundo*”(Coelho, 1997:64).

importante densidade histórica. Não somente porque ambas dizem do 1º Centenário da cidade, mas porque revelam os desejos e o imaginário de um povo e de uma sociedade muito heterogênea. Na leitura que Silva (1997: 61) faz do imaginário em Baczko, e que aqui é apropriada, várias seriam as utopias, “*as idéias e as imagens de representação coletiva*” encarregadas de “fabricar” as imagens daquela cidade. O que se fez, objetivando ultrapassar as perspectivas apologistas ou as detradoras da imagem da cidade de Catalão no período em que se completava cem anos, de modo a pôr-se ao debate, foi procurar reconstruir algumas imagens confrontantes para o mesmo período.

III. Considerações Finais.

Em um artigo publicado na Revista do Instituto de Ciências Humanas e Letras, Chaul (1994) (re)constrói¹⁸ uma imagem para a cidade de Catalão. Sua abordagem se sustenta na afirmação de que violência e progresso formaram até os anos 40 do século passado, a imagem daquela cidade. Em suas palavras, “*juntas, como irmãs siamesas, [violência e progresso] pareciam incapazes de viver em separado...*” chegando a que o “*culto à violência*” se solidificasse “*na mentalidade coletiva da cidade...*”.(Chaul, p.41 e 43 respectivamente).

Disso, tem-se que o passado político e histórico daquela cidade do interior de Goiás tem sido objeto de investigação dentro do espaço acadêmico goiano há algum tempo. O destaque para o ambiente político ou econômico, tem contribuído sobremaneira para a interpretação da “*formação*” do Estado de Goiás, não conseguindo de maneira sustentável, permear o simbólico, o cultural etc. e, sobretudo, o imaginário desta cidade. A abordagem de Chaul, no que se pode entender desse texto, não foi além daquilo que os artigos publicados no Gazeta do Triângulo em 1959 empunhavam como bandeira: Catalão viveu anos de “*barbárie*”, mas agora é hora de recomeçar, marcar um novo momento na sua história.

Com o presente estudo acredita-se que se possa acessar com maior clareza as implicações e as condições que levaram a determinadas elaborações sobre o passado e projeções para o futuro.

¹⁸ O termo reconstrói é utilizado aqui no sentido de que o discurso acadêmico de Chaul escrito em 1994, transveste de “objetividade e clareza”, um discurso que em 1959 já estava estruturado. De certa forma, Chaul pouco avançou nas críticas e fundamentações desse modo de encarar a “história dita oficial”.

A imagem que se pretendeu construir para Catalão (expressa nas páginas de jornais da época das comemorações) _ uma imagem centrada sobretudo em *fetichizar* (Menezes:1996) aquela cidade _ contrasta com a imagem que a literatura produziu, não desejando afirmar, contudo, que esta última seja a maneira mais plausível de se entender aquela cidade. Das duas fontes, pelo menos uma estava na dianteira das preocupações que atingiriam o que se denominou ulteriormente de micro-história¹⁹.

Em “Um Homem e sua família”, através de seus personagens, o que se percebeu foi o olhar introspectivo da cidade. Nesta novela há, uma espécie de *textualização* (Lucas: 2001) da relação entre aquela família com o espaço urbano da cidade de Catalão. Esses personagens, em alguns casos, se submetem às regras de exclusão da cidade, procuram, porém, entendê-las, uma vez que sentem suas consequências.

O debate entre cidade idealizada e cidade experienciada produz diferentes sentidos para o espaço urbano. As imagens que essas perspectivas produzem é o que garante pensar a cidade como realização humana, sujeita às contradições e disputas dos homens _ o que no dizer de Menezes (op. cit. p.154) seria pensar a “*imagem não só como instituída historicamente, mas também como instituinte*”. Todas essas imagens são, por via de regra, formas de representar a cidade. Quando o traçado das ruas, os costumes, os prédios, os “atos heróicos”, as lutas e os sonhos são trazidos à tona por estes documentos, acabam por formar um conjunto de imagens e opiniões sobre a cidade.

Este conjunto exerce a atividade de suporte de uma memória para a cidade, e a literatura assim como o jornal, desvela a possibilidade, um tanto desprezada, de compreender essa sensibilidade para com o urbano trabalhando com a linguagem verbal.

¹⁹ Carlo Ginzburg, um dos expoentes da chamada micro-história, afirma: “Não estou interessado em etiquetas e rótulos. O que faço não pode ser considerado redutivo por que não trato de uma história menor. O prefixo micro refere-se a uma dimensão analítica, não à pequenez do objeto estudado. Com um microscópio se pode ver até um elefante”, complementa.
[Index.htmindex.htmtrabalhos.htmtrabalhosdeinvestigação.htmtrabalhodeinvestigação](#), capturado em 20 de novembro de 2003.

Referências Bibliográficas:

- ARRAIS, Tadeu Alencar. Goiânia: as imagens da cidade e a produção do urbano. In: *Geografia da cidade: a produção do espaço urbano de Goiânia*. Lana de Souza Cavalcanti(org.).Goiânia: Ed. Alternativa, 2001.
- BACEGA, Maria Aparecida. *Palavra e Discurso: História e Literatura*. São Paulo: Ed. Ática, 2003.
- BORGES, Valdeci Rezende. Literatura e Pesquisa Histórica. *Letras e Letras*. Uberlândia: UFU, 1996.
- BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRESCIANE, Maria Stella. Imagens de São Paulo: estética e cidadania. *Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- CARLOS, Ana Fani Alessadri. *A cidade: o homem e a cidade/ a cidade e o cidadão/ de quem é a cidade?*. São Paulo: Ed. Contexto, 1997.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, 1991.
- CHAUL, Nasr Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Ed. UFG, 1997.
- _____. História Política de Catalão. *Ciências Humanas em Revista: revista do instituto de ciências humanas e letras*. v. 05, nº 02. Goiânia: Ed. UFG, 1994.
- COELHO, Braz José. *Peonagem e Cabroeira*. Goiânia: Ed. Oriente, 1971.
- _____. *Um Homem e sua família*. Goiânia: Ed. Kelps, 1997.
- GAZETA DO TRIÂNGULO. Araguari - MG. Diretor Pe. Nilo Tabuquini. 1959, n.º 1964. Diário Matutino.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GONDAR, Jô. Lembrar e esquecer: desejo de memória. *Memória e Espaço*. Rio de Janeiro: Editora Letras, 1996.
- LUCAS, Clarinda Rodrigues. As representações da cidade no discurso literário: a rua de Clarice Lispector. In: *Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Eni P. Orlandi(org.). Campinas - SP: Pontes, 2001.
- MATOS, Maria Izilda S. de. Cidade: experiência urbana e a historiografia. *Cidades brasileiras, políticas urbanas e dimensão cultural*. São Paulo: IEB/USP, 1998.
- _____. *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru - São Paulo: Edusc, 2003.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. Morfologia das cidades brasileiras: Introdução ao estudo da iconografia urbana. São Paulo: *Revista USP - Dossiê Brasil dos Viajantes*, 1996.

NORONHA, Márcio Pizarro. A cidade sublime: um estudo da paisagem urbana em cenário pós-moderno. *Estudos Leopoldenses - Ciências Humanas*. São Leopoldo - RS: UNISINOS, 1999.

SANDES, Noé Freire. *A invenção da Nação: entre a Monarquia e a República*. Goiânia: Editora da UFG, 2000.

SANTOS, Wendel. *Crítica: uma ciência da Literatura*. Goiânia: EDUFG, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. *A construção de Brasília: modernidade e periferia*. Goiânia: Ed. UFG, 1997.

SOUZA, Anlene Gomes. O estrangeiro e a cidade: o Rio de Janeiro e a imaginário da viagem. São Paulo: *Projeto História - Revista da PUC*, 1996.